

Editorial

Após dois números consagrados a um dossiê de tema unificado, a revista *Escritos* retoma seu formato habitual, buscando reunir artigos de assuntos variados e fazer jus, assim, ao seu caráter multidisciplinar. No entanto, seja porque o uso do cachimbo acaba por deixar a boca torta, seja porque as redes de colaboração têm lá sua lógica própria, este número guarda ainda uma unidade temática bastante forte, concentrando-se na reflexão crítica e histórica sobre a arte – ou, melhor dizendo, sobre as artes em suas, aí sim, múltiplas formas de expressão.

Nos textos aqui apresentados, avultam as discussões sobre o fazer artístico, seus móveis, processos e formas, em suma, suas diversas poéticas. Em primeiro lugar, como seria de esperar numa revista chamada *Escritos*, naquelas expressões que têm por matéria a palavra. Esta, porém, não é estática nem fechada em si mesma. Surge aqui tanto na forma das emendas em que um autor exerce sua soberania obsessiva, como nos mostra Walnice Galvão, quanto na dos inventários analisados por Haun Saussy, nos quais a figura do autor quase se colapsa. Desdobra-se ao olhar para si mesma, na correspondência entre escritores estudada por Myriam Ávila, nos “poetas-críticos” de Vera Lins e na ironia enfatiada do Álvares de Azevedo por Cilaine Alves. Escapa dos limites da escrita ao fazer valer sua “tradição auditiva”, como lê Regina de Faria as vozes de Guimarães Rosa, ou mergulha nesses mesmos limites para transbordá-los na poesia “verbivocovisual” dos concretos, tema dos ensaios de Sérgio Moya e Júlío Castañón.

Estes dois últimos textos fazem a transição para nosso segundo bloco temático, onde a palavra se defronta com a visualidade e o gesto dramático: na comparação entre o olhar teatral e o cinematográfico feita por Felipe Aquino, na exploração das fronteiras teatrais nos textos de Diego Reis e Márcio Freitas, e no questionamento da relação entre imagem fotográfica e materialidade desenvolvido por Natalia Brizuela sobre artistas latino-americanos. Daqui, levados pela relevância dada por esses artistas à dimensão política, passamos ao bloco final, em que Luciana Fagundes nos surpreende com a aproximação entre música e propaganda no Brasil da Primeira Guerra Mundial.

Nosso entrevistado é um dos mestres contemporâneos dessa tradição crítica transdisciplinar: Hans Ulrich Gumbrecht, nosso colaborador desde o primeiro

número da *Escritos*. Comendo com a entrevista nosso fecho de ouro, trazemos a resenha de João Saldanha sobre a dança/performance de Laura Samy e a nota crítica de Ronaldo Brito sobre a pintura de Eduardo Sued.

Boa leitura!

Os editores